

ANTROPOLOGIA
PORTUGUESA



VOLUME 34 • 2017

CENTRO DE
INVESTIGAÇÃO
EM ANTROPOLOGIA
E SAÚDE
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

Planeta SIDA: diversidade, políticas e respostas sociais.



Sacramento, Octávio; Ribeiro, Fernando Bessa (orgs.) 2016. *Planeta SIDA: diversidade, políticas e respostas sociais*. Coleção Debater o Social – 42. Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, Lda. ISBN: 9789897552342, 306 pp., 15.00€.
DOI: https://doi.org/10.14195/2182-7982_34_8

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA) foi reconhecida como entidade nosológica em 1981. Desde então muito conhecimento biomédico foi produzido, tanto sobre o Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH) como acerca dos hospedeiros. No plano das políticas para a saúde e das questões sociais, o desenvolvimento foi, igualmente massivo. No entanto, persistem disparidades colossais na representação social da doença, no acesso à terapêutica, e no estigma experienciado pelos pacientes. Disso trata o livro *Planeta Sida*.

Esta obra foi organizada pelo antropólogo Octávio Sacramento, docente na

Escola de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, e pelo sociólogo Fernando Bessa Ribeiro, atualmente no Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Estes investigadores, respetivamente, do *Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD)* e do *Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA)*, detêm vasta produção científica em temáticas como a prostituição transnacional, as desigualdades sociais e de género e, especificamente, sobre o VIH/SIDA.

O livro trata desta doença na atualidade, revelando os enormes avanços biomé-

dicos e sociais mas expondo, igualmente, a persistência de medos e desconhecimentos, comuns aquando da sua descoberta. Nesse período de incertezas face ao desconhecido, o VIH foi associado aos homossexuais, aos utilizadores de drogas injetáveis e aos comportamentos ditos de risco. Outras vítimas foram pessoas com hemofilia que, durante os seus tratamentos, contraíram a infeção através de plasma contaminado, o que gerou grande mediatismo e repercussões políticas em vários países, incluindo em Portugal. No alvor da epidemia, o diagnóstico potencialmente ditava a sentença de morte.

Das memórias desse período, certamente constam as campanhas publicitárias que com alguma ousadia para a época alertavam para a prevenção da doença; a criação do projeto laço vermelho (1991) pela *Visual AIDS* de Nova Iorque, como homenagem aos falecidos e aos que se encontravam na iminência de morrer; ou do filme *Filadélfia* (1993), que, ao contar com um elenco de luxo, Tom Hanks, Denzel Washington, Antonio Banderas, para dar alguns exemplos, terá ajudado a romper algumas barreiras, desmistificando conceitos acerca do VIH/SIDA.

Desses tempos longínquos, em termos do conhecimento do vírus, da passagem de doença fatal a crónica, fruto da investigação de terapêuticas mais eficazes, de luta contra o estigma, das medidas políticas e legislativas, entre tantos outros aspetos, são de algum modo ressuscita-

dos neste *Planeta SIDA*. O livro conta com 19 autores, antropólogos e de áreas afins, que narram as suas pesquisas realizadas em diferentes contextos, alguns dos quais com situações que nos transportam para outros tempos, que deveriam ser longínquos, e que se mantêm como dura realidade nalguns países e para os portadores da doença.

Depois de uma Introdução, escrita pelos organizadores da obra, traçando o panorama mundial e descrevendo as medidas globais, nomeadamente a ambiciosa meta 90-90-90 da ONUSIDA para 2020 (ou seja, que 90% das pessoas infetadas estejam diagnosticadas, que, dessas, 90% se encontrem em tratamento e que 90% das pessoas em tratamento estejam com a infeção controlada), surgem 12 capítulos com foco regional.

Da Austrália, o texto de Paul Sendziuk descreve o percurso do país desde as campanhas pioneiras de considerável risco e ousadia, sobre o uso de preservativo, destinadas aos homossexuais, bem como a forte mobilização de grupos e associações. Os seis estados e dois territórios australianos não reagiram da mesma forma, nem em simultâneo, em termos preventivos, informativos e legislativos, com consequências distintas. Os resultados obtidos são analisados em comparação com as ações realizadas pelos Estados Unidos da América.

Na China, o controlo e a restrição de movimento dos seropositivos, o não

reconhecimento da doença pelas autoridades até 2002, e a situação atual do acompanhamento dos doentes pelas ONG internacionais e pelas GONGO, governamentais, são relatados por Tiantian Zheng, investigadora de temáticas relacionadas com a prostituição.

O texto do antropólogo Carlos Guilherme Valle, que tem pesquisado o impacto da epidemia da SIDA, descreve a caminhada e militância no Brasil com a participação de figuras públicas do mundo da música e da política.

Sobre Portugal, os organizadores do livro em coautoria com Marta Maia, investigadora com vasto trabalho sobre comportamentos sexuais, traçam a evolução do perfil dos doentes e da legislação, listam as iniciativas da sociedade civil a operar no território nacional bem como a fraca mobilização.

O texto de Aderemi Ajala e Prisca Adejumo, ambos com estudos publicados sobre os Yoruba da Nigéria, trata da representação do VIH/SIDA à luz da responsabilidade coletiva e entendida como consequência da perda dos valores pela sociedade.

Sophie Hohmann e Saodat Olimova, com extenso trabalho na área dos estudos migratórios, narram as dificuldades e a desinformação dos emigrantes Tajiques na Federação Russa, facultando um enquadramento acerca da doença nesse país em que a situação epidemiológica é, estranhamente, recente.

As experiências e as representações do VIH, do consumo de drogas e da prostituição pelos trabalhadores agrícolas do interior profundo do Sul dos Estados Unidos da América são apresentados por Keith Bletzer, investigador que se tem dedicado a estas temáticas e à sua divulgação.

Da Tunísia, ou genericamente sobre África, Sofiane Bouhdiba relata as dificuldades de rastreio e do acompanhamento terapêutico dos portadores refugiados e o facto de muitos países impedirem a entrada, 59 à escala global, ou não concederem asilo político a seropositivos.

Em Marrocos, constata-se as diferenças entre a legislação punitiva, designadamente para mulheres com crianças fora do casamento, e a compreensão dos profissionais de saúde e intervenientes associativos sobre adultos e crianças portadores de VIH.

A pesquisa etnográfica realizada na Índia revela a forte discriminação e as percepções erróneas que atingem as mulheres vítimas da doença. De igual modo se apreende o quotidiano das mulheres seropositivas do Camboja e os recursos à contraceção e à prática do aborto, realizadas na (quase) total ausência da biomedicina.

Dos Países e Territórios das Ilhas do Pacífico, com especial ênfase em Palau e Fiji, é dada a conhecer a dura realidade das e dos trabalhadores do sexo que vivem sob forte pressão policial e inexistência de acesso a cuidados de saúde.

Realizado este périplo demonstrativo da cobertura global da obra, expressa no título, um aspeto que sobressai é a dissonância nas abordagens seguidas nos diversos capítulos. Dito de outro modo, o subtítulo diversidade, políticas e respostas sociais não aparenta ter sido o mote da obra, com cada investigador a explicitar no seu contexto de análise estes conteúdos, mas, sim, o aglutinador da multiplicidade de pesquisas expostas.

O livro com grande trabalho de tradução para português pelos organizadores, já que foram traduzidos 10 dos 13 capítulos, tem uma escrita acessível, com várias notas dos tradutores que tornam a leitura adequada a públicos diversos, constituindo, assim, uma referência sobre a temática para o universo de leitores lusófonos, abarcando públicos diversos tais como:

- investigadores e docentes das Ciências Sociais/Humanas e das Ciências da Saúde, ONG e demais organizações envolvidas na prevenção, tratamento e investigação do VIH/SIDA;

- decisores políticos, pois não basta conhecer a biologia do vírus, a química dos fármacos e a economia dos custos. Sem se entender as pessoas e as suas idiossincrasias, esta enfermidade não é, nem será, verdadeiramente combatida;

- estudantes que queiram iniciar trabalho etnográfico nesta área (ou mesmo noutras doenças).

A edição é cuidada, com boas dimensões de mancha de texto e de fontes, e resistente ao manuseamento.

Esta obra mostra o caminho percorrido e as vitórias obtidas globalmente, mas também as disparidades atuais e as situações dramáticas em que vivem e morrem muitas pessoas. Na imensidão social e cultural que caracteriza a humanidade, constitui uma janela aberta, nem sempre para uma paisagem luminosa, do que é o *Planeta SIDA*.

Ana Luísa Santos

Centro de Investigação em Antropologia e Saúde
Departamento de Ciências da Vida
Universidade de Coimbra,
Coimbra, Portugal
alsantos@antrop.uc.pt